

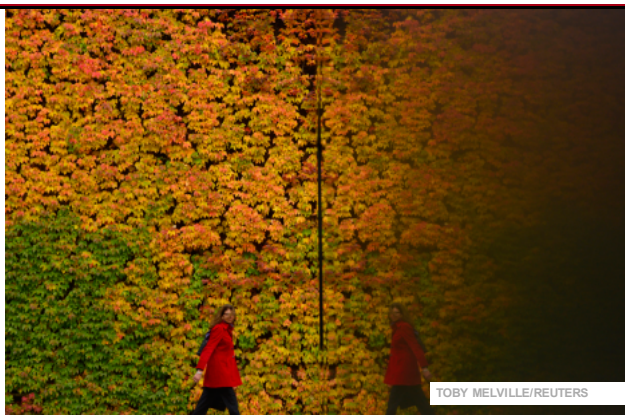


246.531 pessoas gostam de P3.



Plugin social do Facebook

Cultura
Actualidade
Sociedade
Educação
Desporto
Política
Economia
Ciência
Ambiente
Media
Vícios
Multimédia
Pquê?



Comportamento

Elas são jovens que não querem ser mães (e não são menos mulheres por isso)

Não se imaginam com um filho nos braços. São menos mulheres por isso? Vanessa, Eduarda e Silvana respondem: "Claro que não". Como são vistas estas jovens, que dão uso à sua cidadania reprodutiva para tomarem uma decisão que ainda é minoritária?

Texto de Ana Maria Henriques • 25/11/2014 - 18:33



Vanessa, 27 anos: "Porque não aceitar como natural que eu diga, com esta idade, que não quero [filhos]?" Daniel Rocha



Para Silvana, estas mulheres "são vistas como sem capacidade de amar que não a pessoa com quem estão" Nelson Garrido

Números

41,2%

De acordo com os Censos 2011, 41,2% dos casais portugueses não têm filhos. Em 1991, esta percentagem era de 32,2

21,4%

Em 2011, 21,4% das famílias eram unipessoais (contra 13,8% em 1991) e, destas, 62,9% eram constituídas apenas por mulheres

29,7

Entre 2010 e 2013, a idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho subiu de 28,9 para 29,7

1,21

O índice sintético de fecundidade de Portugal situava-se, em 2013, nos 1,21 — valor muito abaixo do nível de substituição geracional (2,1)

Evolução familiar na UE

Sete em cada dez famílias da União Europeia não têm filhos, avança o relatório sobre a evolução da família na Europa 2014, divulgado no início de Novembro pelo Instituto de Política Familiar

Distribuir

Imprimir // A A

696 // Leituras

1 // Eu acho que

Texto

Gosto 205

Tweetar 0

G+1 0

Tags

Actualidade
Sociedade
Sexualidade
Relacionamento
Mulher Maternidade
Criança
Comportamento
Actualidade

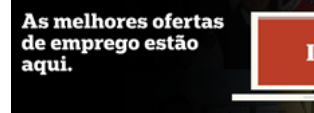
Vê também

// Mães adiadas por culpa da crise

// A "escabrosa" história de uma mãe pela filha morta

// Negociar para ser mãe com todos os direitos

// Ser mãe a recibos verdes não é para todas



+ Vistas - Vistas Tags

// Sonsos

// TNSJ procura Designer Gráfico

// Sr.º Empregador, pode dar-me uma resposta?

// João ganhou no Sony Awards e não larga a...

// "50 Years Contest": desenha um logo e ganha

// Emigração jovem: dados oficiais não contam...

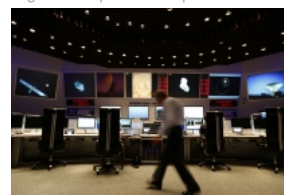
Audio

Bobak, o engenheiro que pós...

O engenheiro de 34 anos sempre foi fascinado pela exploração espacial

Emprego

Agência Espacial Europeia...



Licenciados ou pós-graduados em engenharia, física, biologia, medicina, economia ou direito podem candidatar-se a 80 estágios de um ano. São 2200...

υευσαν αναηγησα επι κοινου. Estas pessoas são vistas como sem capacidade de amar que não a pessoa com quem estão”, perspectiva Silvana. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), a percentagem de casais sem filhos aumentou de 32,2 em 1991 para 41,2 em 2011, ano dos últimos Censos.

Direito à cidadania reprodutiva

Pressões e expectativas interferem na “cidadania reprodutiva” de cada um. A investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (UC) explica: “Cada pessoa é chamada à responsabilidade e ao direito de determinar os termos em que decide ser cidadã, constituir ou não família, iniciar formas de conjugalidade convencionais ou não”. O argumento da “responsabilização moral das mulheres” é um dos que põe em causa o seu direito de exercer a cidadania reprodutiva. “Isto é alimentado por aquele fantasma extraordinário das baixas taxas de natalidade em Portugal e que colocam em causa, a médio-longo prazo, a sustentabilidade do estado social”, reflecte a também responsável pelo **projecto Intimate**. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), o índice sintético de fecundidade de Portugal situava-se, em 2013, nos 1,21 — valor muito abaixo do nível de substituição geracional (2,1).

Quando se espera que todas as mulheres sejam mães, “a verdade é que se espera mais de umas do que de outras”. De mulheres que pertencem a “grupos dominantes, educadas, brancas, de classes sociais favorecidas, casadas, heterossexuais”, nas palavras de Ana Cristina, espera-se que sejam reprodutivas. Já solteiras, adolescentes ou em situação económica precária são consideradas “irresponsáveis” quando engravidam. “Há uma diferença muito clara entre as expectativas sociais e culturais face à maternidade, em função do tipo de mulher que estamos a falar.”

“Apesar de há décadas ter sido conseguida, através da medicina, a separação entre sexualidade e reprodução, a verdade é que essa separação, em termos culturais, não se deu na sua totalidade”, continua. Mulheres que decidem não ter filhos, independentemente de outras questões, estão a contribuir para duas transformações, enumera Ana Cristina Santos: “A primeira é a desnaturalização do sexo (que não tem de ser reprodutivo) e a segunda é a desnaturalização, também, dos papéis de género atribuídos às mulheres”.

Para se sentir realizada, uma mulher não tem de ser mãe, crê a mesma académica. E para ser feliz também não, defende Silvana. “Estas mulheres não são menos mulheres e não são uns seres egoístas”, sublinha a última, que também se refere a si mesma. Com 40 anos e uma relação estável há perto de dez, Silvana já respondeu que não queria ter filhos porque gosta de dormir. Fê-lo para desarmar quem lhe dirigiu tal pergunta, claro, mas admite que é mal visto: “Temos de usar alguma ironia para lidar com isto, para ridicularizar a coisa”. “Não me lembro de alguém ter perguntado as razões por detrás do facto de pessoas com uma relação estável decidirem ter filhos. Quando me perguntam porque não quero, costumo dizer: ‘E porque não?!’.”

Relógio biológico, uma construção

Já vimos esta cena em muitos filmes: uma mulher olha para as crianças que brincam no parque e, de repente, sente um clique e passa a desejar ter filhos. Esta construção, desvenda Silvana, “não implica outra pessoa” — o que deita por terra o conceito de relógio biológico. “Não encontrar uma pessoa para dar corda ao relógio biológico é a sua negação porque, supostamente, quando se fala de um relógio, fala-se de um prazo. Acredita-se que, numa determinada altura, por obra e graça das nossas hormonas, vamos querer ter filhos. Como se fosse uma necessidade biológica que acontece mais cedo ou mais tarde”, contextualiza.

O conceito da pessoa certa está sempre presente quando o assunto é a maternidade. Ao contrário de Eduarda, que admite ponderar a decisão se “encontrar alguém que a faça repensar o tema”, Vanessa duvida que isso possa acontecer. “A pessoa certa, para mim, será aquela que também não tenha um projecto de vida que passe por um filho”, afirma. “Se assim for (...), se ela quiser constituir família nesse sentido, eu não sou a pessoa certa para ela.”

“O argumento ‘não queres ter filhos porque ainda não encontraste a pessoa certa’ é particularmente curioso”, na opinião de Silvana. Faz parte de um discurso de complementaridade entre feminino e masculino, “ancestralmente imposto como tendo por fim principal

a reprodução”, e que se integra numa sociedade que, “apesar de tudo, tem o catolicismo em cima”. “Vais acabar sozinha, não vais ter ninguém para cuidar de ti” é outro dos discursos comuns, “um fantasma brutal nas sociedades ocidentais” na opinião da investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da UM.

Contexto económico também importa

“[A maternidade] assusta-me mais a nível pessoal, porque todas as coisas que ainda quero fazer não se coadunam com um filho, mas acho que haveria sempre alguma implicação a nível profissional”, pensa Eduarda, para quem as mulheres, “quando querem muito ser mães”, escolhem correr esse risco. A argumentação apoiada no desenvolvimento da carreira profissional reflecte, para Ana Cristina Santos, um “contexto patriarcal e sexista”. “Mulheres que decidem não ter filhos — centradas na carreira e que a colocam à frente da família — são [vistas como] egoístas, o que também nunca se aplica no caso de homens que fazem a mesma escolha.” A jovem fotógrafa do Porto consegue compreender quem diz que é algo egoísta, embora não concorde — “egoísta seria querer fazer muita coisa e também ter filhos, não lhes dando depois a atenção devida”.

Neste momento Eduarda não tem “estabilidade económica nem independência total”, pelo que nem sequer considera a maternidade. “Se não posso, então não penso que o vou realizar”, diz a jovem fotógrafa. “Se estivesse numa situação mais estável, talvez fosse mais fácil definir o que queria ou não. Mas a vontade não está lá e não me parece muito que venha a surgir”, prossegue. “É uma questão demasiado grande para pedir a alguém que abdique. Mas as ideias mudam.”

Evitando generalizações, Ana Cristina Santos admite que não podemos dissociar esta decisão do contexto de crise económica, influente na medida em que “a autonomia e a vida independente são, cada vez mais, adiadas em termos etários”. Optar por frequentar uma universidade na área de residência de origem e ficar na casa dos pais até mais tarde tem consequências “ao nível da cidadania sexual e reprodutiva das jovens mulheres ou dos jovens homens”. Assim se explica, ainda que não só, o aumento da idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho: entre 2010 e 2013, esta subiu de 28,9 para 29,7, segundo dados do INE.

Tanto Eduarda como Vanessa acreditam que podem vir a sentir maior pressão familiar ou da parte de amigos quando (e se) estiverem numa relação mais séria, futuramente. “Quando eu tiver mais uns aninhos em cima, se calhar vou perceber que a coisa está mais ou menos resolvida — não só porque decidi mas porque o tempo já passou. E quando isso acontece, metade do peso é-nos tirado de cima”, completa Silvana.

[Voltar ao topo](#) | [Corrige](#)



Este ensaio fotográfico é sobre ga

Fotogaleria // Passaram-lhes pelas mentes títulos criativos e potencialmente mais virais...